

# O CIENTIFICISMO PARA WITTGENSTEIN:

## DUAS FORMAS, DOIS ALVOS

SAMUEL SOUSA DE AZEVEDO **MAIA\***

**RESUMO:** Apesar das significativas diferenças filosóficas entre o *Tractatus Logico-Philosophicus* e as *Investigações Filosóficas*, em ambas as obras o cientificismo foi um dos maiores alvos de Wittgenstein e, segundo Ray Monk (2005) e Anthony Kenny (2006), esteve em sua mira ao longo de todo o desenvolvimento de seu pensamento. É útil, porém, identificar duas formas de cientificismo em jogo, às quais correspondem duas críticas de Wittgenstein: numa, o cientificismo ameaça a filosofia; na outra, o cientificismo pretende ocupar outras esferas da vida humana. Esse combate e essa distinção se manifestam nas reflexões de Wittgenstein sobre: a natureza e o método da filosofia; a relação (se houver) da filosofia com a ciência; suas diferenças – se à ciência compete explicar, à filosofia compete mostrar ou descrever –; e, finalmente, a relação da filosofia com a própria vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Wittgenstein; cientificismo; história da filosofia analítica.

**ABSTRACT:** Despite the significant philosophical differences between the *Tractatus Logico-Philosophicus* and the *Philosophical Investigations*, in both works scientism was one of Wittgenstein's greatest targets and, according to Ray Monk (2005) and Anthony Kenny (2006), was in his sights throughout the development of his thinking. However, it is useful to identify two forms of scientism at stake, to which two criticisms of Wittgenstein's correspond: in one, scientism threatens philosophy; in the other, scientism intends to occupy other spheres of human life. This combat and this distinction are manifested in Wittgenstein's reflections on: the nature and method of philosophy; the relation (if there is) of philosophy to science; the differences between – if science must explain, philosophy must show or describe –; and, finally, the relation of philosophy with life itself.

**KEY-WORDS:** Wittgenstein; scientism; history of analytical philosophy.

\* Faz graduação em filosofia na UFMG. E-mail: samuelmaibr@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Dentro da chamada tradição analítica clássica – aquela que corresponde à primeira metade do século XX<sup>1</sup> –, Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi um dos maiores (se não o maior) crítico do cientificismo. O cientificismo é caracterizado por Hans-Glock como “as tendências imperialistas do pensamento científico, resultantes da noção de que a ciência é a medida de todas as coisas” (Hans-Glock, 1998, p. 83). Uma dessas coisas, mas não somente, é a filosofia. Fortemente contrário a essa tendência, Wittgenstein “insiste na ideia de que a filosofia não pode adotar as tarefas e os métodos da ciência” (*ibidem*). E é em sua relação com a filosofia que começo a descrever o combate de Wittgenstein contra o “imperialismo científico”.

Uma figura de influência fundamental no pensamento de Wittgenstein foi Bertrand Russell (1872-1970). No início do desenvolvimento filosófico de Wittgenstein, Russell nutria grandes expectativas sobre ele, esperançoso de que Wittgenstein realizasse seu projeto filosófico científico. Porém, Wittgenstein apresenta, anos depois, no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) uma concepção da filosofia e das ciências naturais totalmente contrária ao projeto de seu tutor.

Essas ideias sobre a filosofia e as ciências não se restringem ao Wittgenstein do *Tractatus*. Muitos de seus intérpretes enxergam, ao longo de seu desenvolvimento filosófico, uma continuidade de vários aspectos importantes de seu pensamento – um deles, a distinção que faz entre atividade filosófica e a atividade científica. Contudo, essa distinção assume contornos específicos no *Tractatus* e em suas ideias posteriores, notadamente aquelas presentes nas *Investigações Filosóficas* (1953) – se no primeiro cabe à filosofia mostrar, no segundo, cabe a ela descrever. No *Tractatus*, as proposições filosóficas são simplesmente desprovidas de sentido. Nas *Investigações*, se a ciência se interessa com generalizações, a filosofia se interessa com quebrar generalizações.

Apesar dessas especificidades, o espírito geral de crítica ao cientificismo é o mesmo. E a crítica de Wittgenstein sempre esteve intimamente relacio-

nada com sua reflexão sobre o método e a natureza da prática filosófica. Além disso, suas próprias ideias sobre problemas filosóficos específicos (como a natureza da proposição ou das regras de um jogo de linguagem) são quase sempre permeadas por discussões de natureza metafilosófica<sup>2</sup>.

## “VISÃO CIENTÍFICA DA FILOSOFIA” E MISTICISMO

É comum o pensamento de Wittgenstein ser dividido em duas (ou até mesmo três) fases. Contudo, para Anthony Kenny, a continuidade em sua concepção geral de filosofia (o que inclui o papel que a ciência desempenha na filosofia – ou vice-versa) é “o aspecto mais impactante do trabalho de Wittgenstein” (Kenny, 2006. p. 181). Apesar das modificações ocorridas entre primeiro período de seu pensamento, onde se localiza o *Tractatus*, e as ideias desenvolvidas na concepção das *Investigações Filosóficas*, a afirmação de Kenny não é exagerada. Em sua defesa, será útil darmos uma olhada na expectativa nutrida por Russell em relação a seu ainda aluno de filosofia, Wittgenstein, e seu posterior desencantamento com as ideias de seu pupilo.

Antes de ter conhecido Wittgenstein, Russell era um defensor do que ele próprio chamava de “método científico em filosofia”. Segundo Monk, Russell acreditava que “o progresso em filosofia seria realizado pelo tipo de ‘pensamento exato’ que trouxe progresso à matemática e à física” (Monk, 2005, p. 10). Por isso, para Russell, estudantes treinados em matemática pareciam muito mais promissores para a filosofia do que aqueles treinados em estudos clássicos (*ibidem*). Ao conhecer, em 1912, alguém como Wittgenstein, com formação em engenharia e apaixonado pela lógica matemática, Russell “pensou ter descoberto seu ideal”<sup>3</sup>.

Para sua infelicidade, seu pupilo ideal se mostrou avesso ao seu projeto de dar um caráter científico à filosofia. Anos mais tarde, após a participação de Wittgenstein na Primeira Guerra, Russell discutiu, linha por linha, o conteúdo do

*Tractatus* com o próprio autor. Na ocasião Russell ficou estarelecido com “o que a experiência na guerra havia feito dele”. A mutação não foi restrita ao *Tractatus*, uma obra que mistura um austero tratamento lógico e formal com considerações místicas sobre assuntos como Deus e o Inefável. Em outra carta a Morrell, Russell transmite seu choque quando descobriu “que ele [Wittgenstein] tinha se tornado um místico completo” (Monk, 2005, p. 24). Mais que isso, diz Russell que Wittgenstein “penetrou de modo profundo em modos místicos de pensar e sentir, mas eu acho (ainda que ele não concordaria) que o que ele mais gosta no misticismo é seu poder de fazê-lo parar de pensar (*ibidem*) (tradução nossa).

Realmente, o misticismo não era um caminho óbvio para alguém que se empenhasse numa filosofia à maneira dos cientistas. Fato é que encontramos considerações sobre a concepção filosófica de Wittgenstein, e sua clara distinção da atividade científica, já antes de sua experiência na guerra e da escrita do *Tractatus*. Na introdução dos “*Notebooks on Logic*” [Anotações sobre Lógica], escrito entre 1914 e 1916, encontramos, nas palavras de Kenny, o “retrato do aspecto mais impressionante de seu pensamento” e que perdurará com uma ou outra modificação, em suas ideias posteriores. Escreve Wittgenstein:

Em filosofia não há deduções; ela é puramente descritiva. A palavra ‘filosofia’ deve sempre designar algo acima ou abaixo, mas nunca ao lado, das ciências naturais. A filosofia não fornece uma pintura da realidade e não pode nem confirmar nem refutar investigações científicas. Ela consiste em lógica e metafísica, a primeira [sendo] sua base. (in Kenny, 2006, p. 181) (tradução nossa)<sup>4</sup>.

Aqui já posso introduzir a distinção central de todo o artigo: acredito que há duas (relacionadas, mas distintas) manifestações do anticientificismo de Wittgenstein. Elas dizem respeito aos espaços onde o cientificismo é uma ameaça. A primeira é o cientificismo na filosofia, mais restrito; a segunda é o cientificismo na vida, i.e., que inclui a filosofia,

mas se expande às mais diversas práticas humanas, como a ética, a arte e a vida espiritual. Primeiro, falarei do cientificismo em filosofia.

## CIENTIFICISMO EM FILOSOFIA

O cientificismo restrito à filosofia concebe a filosofia como uma ciência, o que significa, entre outras coisas

ver a filosofia como um programa de pesquisa cujo objetivo é responder questões, ao invés de examiná-las criticamente, e dessa maneira dissolver [sic] problemas. Outra característica é que as questões filosóficas não são entendidas, em nenhum sentido importante, como questões que envolvem quem as investiga, no sentido de demandarem um exame dela própria. Assim, dessa perspectiva o *modo* no qual a filosofia é escrita não deve expressar a pessoa ou o caráter atrás dela, mas neutro e anônimo como a prosa científica. (Kuusela, McGinn, 2011, p. 13) (tradução nossa e grifo nosso)<sup>5</sup>.

Mais abaixo, apresentarei considerações sobre o estilo e o papel da filósofa (ou “investigadora”) na filosofia segundo um programa científico. No momento, porém, cabe dizer que na introdução das *Anotações sobre Lógica*, posta acima, Kenny identifica vários pontos nos quais a concepção da filosofia para Wittgenstein permanece até seu pensamento tardio, e que são pontos diametralmente opostos ao cientificismo em filosofia. Desses pontos, destaco: a filosofia como atividade puramente descritiva; e a filosofia como diferente de uma ciência natural (Kenny, 2006, pp. 181-183).

No *Tractatus*, as ciências naturais são ditas a maior parte das proposições genuínas, i.e., aquelas proposições que, por afigurarem fatos sobre o mundo, possuem sentido:

A totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais). (TLP, 4.11)

Logo em seguida, Wittgenstein reserva à filosofia o mesmo o “lugar” que havia reservado nas *Anotações sobre Lógica*:

A filosofia não é uma das ciências naturais. (A palavra “filosofia” deve significar algo que esteja acima ou abaixo, mas não ao lado, das ciências naturais.) (TLP, 4.111).

Nessa concepção, a filosofia é uma atividade crítica, pois seu fim é o esclarecimento lógico dos pensamentos (TLP, 4.112). Ela “não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações e seu resultado não são “proposições filosóficas”, mas é tornar proposições claras. A filosofia deve tornar os pensamentos antes turvos e indistintos, claros e bem delimitados) (*ibidem*).

Durante o que alguns intérpretes chamam de seu período intermediário, no *Livro Azul* (1958), Wittgenstein escreveu algo que ressoa, com algumas diferenças, aquelas palavras da introdução das *Anotações sobre Lógica*:

Filósofos constantemente veem os métodos da ciência diante de seus olhos, e são irresistivelmente tentados a responder questões do modo como a ciência o faz. Essa tendência é a fonte real da metafísica, e leva o filósofo à completa escuridão. Eu quero dizer aqui que nosso trabalho nunca pode ser reduzir qualquer coisa a qualquer coisa, ou explicar qualquer coisa. A filosofia realmente é puramente descritiva. (Wittgenstein, 1958, p. 18) (grifo nosso)<sup>6</sup>.

Apesar de ter se afastado da concepção de linguagem esposada no *Tractatus*, em seu trabalho mais tardio, as *Investigações Filosóficas*, a relação da filosofia com a ciência continua. Nesse sentido, ele diz:

Certo era que nossas reflexões não podiam ser reflexões científicas. A experiência de “que se pode pensar isto ou aquilo em oposição a nosso preconceito” – não importa o que isso significa – não nos podia interessar... E não nos é permitido levantar qualquer teoria. Não é permitido haver nada de hipotético em nossas reflexões. Toda *explicação* tem que sair e em seu lugar entrar apenas descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, seu objeto, dos problemas filosóficos. Estes, sem dúvida, não são empíricos, mas resolvidos por um exame

do funcionamento de nossa linguagem, ou seja, de modo que este seja reconhecido: em *oposição* a uma tendência de compreendê-lo mal. Estes problemas não são solucionados pelo ensino de uma nova experiência, mas pela combinação do que já há muito se conhece. A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem. (PI, §109)

Outra diferença substancial entre este Wittgenstein tardio e o do *Tractatus* é a forma de apresentar suas ideias. Nas *Investigações*, em conformidade com suas novas considerações sobre a linguagem, definitivamente o estilo, o caráter confessional de sua escrita e os métodos empregados são totalmente diferentes de qualquer coisa próxima de uma escrita filosófica cientificamente precisa. Nesse aspecto, o uso recorrente de exemplos fictícios nas *Investigações* – e sua inadequação às formas mais tradicionais de filosofia – é um exemplo (sem trocadilho) desse modo de fazer filosofia distintamente das ciências. Diz Savickey que

o uso [...] de exemplos *fictícios* é consistente com a visão de que Wittgenstein não está fazendo história natural ou ciência natural [...] Dentro da tradição filosófica, ficção é comumente contrastada com a verdade [...] Wittgenstein sugere que a tarefa do filósofo é a de imaginar possibilidades (Savickey, 2011, p. 686) (tradução nossa).

Apesar disso, segundo Savickey, Wittgenstein reconhece que o progresso científico pode ser útil ao filósofo, no sentido de que as realidades descobertas científicas podem iluminar sua tarefa: imaginar possibilidades. Essa concepção de trabalho filosófico, ela prossegue, ressoa em outras de suas obras.

Essa concepção também encontra semelhança no *Tractatus*: nele, a ciência é o paradigma do discurso significativo, e a lógica envolve “possíveis estados de coisas”; nas *Investigações* isso muda, pois a descoberta científica é entendida como uma possibilidade entre outras, mas nelas ele continua a dirigir sua atenção para as possibilidades do fenômeno (Savickey, 2011, p. 686) (tradução nossa).

A ciência não esgota o trabalho do filósofo, do mesmo modo que uma explicação meramente comportamental do seguinte acontecimento: “uma pessoa caminha para a direita seguindo uma placa de orientação” não elimina o trabalho de “dizer em que consiste este seguir-o-signo” (PI, §195)<sup>7</sup>.

Assim, “é inerente ao uso de exemplos o reconhecimento de que definições, explicações, e teorias são não somente inadequadas para a investigação de conceitos, mas gratuitos e supérfluos.” (Savickey, 2011, p. 695). Para Wittgenstein, se à ciência compete explicar, à filosofia compete mostrar, descrever, ou simplesmente modificar o olhar (se a ciência se interessa com generalizações, a filosofia se interessa em quebrar generalizações). Nesse último sentido, ao propor novas maneiras de olhar, a reflexão filosófica afeta a vida do próprio filósofo.

As críticas de Wittgenstein ao cientificismo não se restringiam a seus efeitos na filosofia somente, mas também ocuparam suas preocupações sobre a vida e a civilização de seu tempo. Os efeitos deletérios, segundo Wittgenstein, da contaminação de espaços irredutíveis à ciência vão muito além da filosofia.

## CIENTIFICISMO AMPLO E AS ARTES

É em outro sentido de cientificismo, que extrapola a filosofia, onde as críticas de Wittgenstein encontram território comum com suas ideias sobre as artes e sobre outras formas de compreender o mundo, para além da ciência.

Segundo essa noção mais forte de cientificismo, a ciência, especialmente as ciências naturais, esgotam *todas* as coisas (para usar a expressão de Hans-Glock), como a subjetividade, a experiência e as razões humanas, as ciências humanas ou até mesmo as artes. Talvez essa forma de cientificismo tenha se realizado de forma mais consciente no círculo Viena, ao final dos anos 1920 até os 1930, contemporaneamente a Wittgenstein. Um dos principais objetivos do Círculo, a unificação metodológica e fundacional de todas as ciências

(ciências naturais e ciências sociais) pode, a depender de sua concepção de ciências sociais e naturais, ser lida como uma pretensão reducionista.<sup>8</sup>

A rejeição de Wittgenstein a essas pretensões científicas são manifestações de sua própria atitude perante o mundo. Assim como a visão geral da filosofia e de sua relação com a ciência já se encontram no *Tractatus*, também encontramos o papel que a ciência desempenha em sua vida:

Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa. (TLP, 6.52)

O misticismo presente na parte final do *Tractatus* escancara não somente o que Wittgenstein concebe como os limites do discurso filosófico que se propõe ético e estético, mas também o fracasso das pretensões da ciência de cobrir esses âmbitos da vida.

Apesar desse tipo de reflexão já estar presente no pensamento inicial de Wittgenstein, Monk defende que ele assume maior forma e intensidade em seu trabalho tardio:

um dos temas centrais de Wittgenstein em seu trabalho tardio é a importância de se preservar a integridade de formas não científicas de entendimento, o tipo de entendimento característico das artes e o tipo de entendimento que Goethe, Sprengler e Wittgenstein procuraram proteger da exorbitância da ciência e do cientificismo (Monk, 2005, p. 101) (tradução nossa).

Mas o que o método da ciência não pode capturar adequadamente?

Uma das diferenças mais importantes entre o método da ciência e as formas não teóricas de entendimento que é exemplificado na música, arte, filosofia e vida cotidiana, é que a ciência busca um nível de generalidade que necessariamente escapa a essas outras formas de entendimento. E é por isso que entender as pessoas nunca pode ser uma ciência. Entender uma pessoa é ser capaz de dizer, por exemplo,

se ela está sendo genuína ou fingindo. (Monk, 2005, p. 101)

Entender uma pessoa exige, nos termos de Wittgenstein, uma visão perspicua, ou visão de conjunto [Übersicht], que não pode ser alcançada pela via da ciência. Essa visão perspicua produz um entendimento que consiste em ver conexões (PI, §122). É esse o tipo de entendimento que Wittgenstein achava que os filósofos deveriam buscar. E é esse tipo de entendimento que ele sugere poder ser alcançado por meio não só da filosofia, mas das artes<sup>9</sup>.

Em algumas passagens, Wittgenstein demonstra acreditar que a incapacidade da ciência em prover essa visão perspicua é uma incapacidade partilhada pela sociedade de seu tempo. Monk (2005, pp. 94-96) cita um dos rascunhos do prefácio das *Philosophical Remarks* [Apontamentos Filosóficos] (1930), onde Wittgenstein escreve:

O espírito dessa civilização [europeia e americana] se faz manifesto na indústria, arquitetura e música de nosso tempo, e em seu fascismo e socialismo, e é estranho e não é congênito a seu autor [o próprio Wittgenstein].

...

Eu não estou interessado em construir um prédio, da mesma maneira em que estou em ter uma visão perspicua [Übersicht] das fundações de possíveis prédios.

Logo, não miro no mesmo alvo, da mesma forma que cientistas e meu modo de pensar é diferente do deles. (tradução e notas nossas)

Aqui, vemos como as críticas mais gerais ao cientificismo amplo estão juntas de uma defesa de um modo peculiar de pensar a sociedade e de pensar e fazer filosofia. Por isso, em Wittgenstein, a crítica ao cientificismo amplo volta e meia assume contornos filosóficos. Isso é uma manifestação da concepção de filosofia como atitude, que anima Wittgenstein desde sua juventude. A filosofia se confunde com o próprio filósofo, que se sente inadequado ao modo e às pretensões da ciência, e para quem essa mesma ciência não tem nada a dizer sobre a vida.

Em outras notas pessoais encontramos críticas de Wittgenstein que revelam um descontentamento geral para com os rumos que a sociedade de seu tempo estava tomando, mesmo no pós-guerra, altamente pautada pelos avanços da ciência e da indústria (Wittgenstein, 1978, p. 63e). Mas é num episódio relatado por um amigo de Wittgenstein, Maurice O'Connor Drury (1907-1976), em que essa insatisfação se revela de um modo tão dramático quanto cômico. Numa determinada ocasião, ao se ver diante de um Wittgenstein perturbado, Drury perguntou qual era o problema. Wittgenstein respondeu:

Eu estava dando um passeio em Cambridge e passei por uma livraria, e na janela havia retratos de Russell, Freud e Einstein. Um pouco mais à frente, numa loja de música, eu vi retratos de Beethoven, Schubert e Chopin. Ao comparar esses retratos eu senti intensamente a terrível degeneração que, no curso de apenas cem anos, chegou por sobre o espírito humano. (Monk, 2005, pp. 97-8)

## CONCLUSÃO

Segundo Anthony Kenny e Ray Monk, uma das coisas que perduraram por todo o desenvolvimento das ideias de Wittgenstein foi sua visão da filosofia. Segundo Wittgenstein, cabe à filosofia descrever, e somente à ciência explicar. Outro modo de apresentar essa ideia é que Wittgenstein vê a filosofia como uma atividade ao invés de um conjunto de teorias.

Mesmo assim, para Wittgenstein, por iniciativa de cientistas, sociedade e dos próprios filósofos, sustenta-se a ilusão de que a filosofia pode ser feita à maneira das ciências. Chamei de cientificismo em filosofia a visão de que os objetivos e o método científico são também os da filosofia. Porém, Wittgenstein identificava o cientificismo também em outros campos da vida humana, como a ética e a estética. A isso eu chamei de cientificismo amplo.

Ambos os cientificismos, em filosofia e em sua forma mais ampla, estiveram sob o ataque de Wittgenstein ao longo de todo o seu percurso filosófico. Evidentemente, esse ataque assumiu cores

específicas de acordo com as ideias filosóficas que Wittgenstein abandonou ou passou a adotar. Mas em todas elas sua noção de filosofia como atitude o levou a apontar como a ciência é inadequada para tratar questões filosóficas, essencialmente

distintas de meras explicações causais; assim como sua descrição do caráter das artes e dos diferentes modos de compreender e viver se mostram irreduzíveis e independentes das ciências.



## NOTAS

1. Wittgenstein é comumente apontado como o maior nome da tradição analítica 'clássica', cujo marco inicial foram os trabalhos de Frege no final do século XIX, e que se estendeu ao longo de toda a primeira metade do século XX até quando, a partir da década de 1960, começaram a surgir trabalhos críticos dos pressupostos e métodos dessa corrente. Hoje, a filosofia analítica abrange uma diversidade de métodos e problemas filosóficos que vão (bastante) além dos interesses da tradição 'clássica'. Contudo, essa pluralidade de manifestações estava presente mesmo no período 'clássico', e, por isso, a caracterização da filosofia analítica clássica (assim como da contemporânea) é matéria de controvérsia. O lugar de Wittgenstein na história da filosofia do século XX ilustra bem essa dificuldade, pois se seus trabalhos influenciaram muitos dos principais nomes da analítica, como Carnap, Ayer, Ryle, Austin e P. Strawson, suas posições e seu 'estilo' filosófico são tão peculiares que sua inclusão no rol de filósofos analíticos é, inclusive, apontada como uma manifestação da inconsistência desse rótulo filosófico. Não por acaso, "tem-se lido Wittgenstein também sob a luz de e em comparação com a chamada filosofia continental, especialmente, Heidegger, Merleau-Ponty e Derrida" e "as diferenças entre a filosofia analítica dominante e Wittgenstein podem ser usadas [...] para pôr questões a eles próprios [os filósofos] sobre sua própria prática e visão filosófica" (Kuusela, McGinn, 2011, p. XIII (tradução nossa)). A relação da ciência e da filosofia é uma dessas questões relevantes, e tratarei dela aqui.
2. Se levarmos em conta seu próprio pensamento, o uso deste termo numa descrição das ideias de Wittgenstein é problemático, mas ainda assim é útil para marcar a diferença e a relação entre suas discussões filosóficas específicas e reflexões sobre a própria filosofia.
3. Em carta a Ottoline Morrel, Russell escreveu: "Acredito que um certo tipo de matemáticos tem bem mais capacidade filosófica do que a maioria das pessoas que acabam estudando filosofia. Até os dias atuais, as pessoas atraídas à filosofia têm sido em sua maior parte aquelas que amaram as grandes generalizações (que estão todas erradas), de modo que poucas pessoas com mentes exatas ingressaram na disciplina. Tem sido um dos meus sonhos encontrar uma grande escola de filósofos matematicamente orientados [...] [dentre possíveis candidatos] Wittgenstein é, claro, exatamente o meu sonho" (Monk, 2005, pp. 10-11) (tradução nossa).
4. Referências às obras de Wittgenstein serão indicadas no corpo do texto por extenso. Com exceção do *Tractatus* e das *Investigações* (onde farei referência às suas respectivas proposições e parágrafos), todas as demais obras serão acompanhadas das páginas da edição de onde o texto foi retirado. Nas referências bibliográficas se encontram as edições das obras consultadas.
5. Essa é uma boa caracterização do chamado cientificismo, mas sofre do mal de uma palavra infeliz: sob a luz de Wittgenstein, a ciência é vista como uma investigação atrás de respostas, e não de exame crítico de questões, de modo a resolverem (ao invés de "dissolverem", como consta no trecho) problemas. É comum à dissolução dos problemas (método de Wittgenstein e que não responde, mas elimina os problemas), se opor a resolução dos problemas, onde a investigação não se dá por terminada até que uma resposta seja encontrada.
6. Logo em seguida, Wittgenstein desafia os que propõem fazer filosofia à maneira da ciência: "(Pense em tais questões como 'Há dados sensoriais?' e pergunte: Qual método está aí para determinar isso? Introspecção?)".
7. Temos aqui um exemplo da oposição de Wittgenstein ao behaviorismo, corrente da psicologia que procurou explicar a ação humana por meio de seu comportamento observável, ao mesmo tempo em que considerava outros candidatos à explicação (como crenças, intenções e desejos) como não científicos. Aqui, a crítica de Wittgenstein ao behaviorismo se confunde com sua crítica ao cientificismo, pois a correta descrição desse acontecimento envolveria bem mais do que o comportamento observável dessa pessoa.

8. As pretensões do escopo da ciência alcançar até mesmo as artes, ou ao menos sua relação com as artes, também está presente em algumas das manifestações de membros do Círculo. Se concebida como uma forma de arte, o caso da arquitetura é singular. “Eu trabalho na ciência, e vocês com formas visuais; os dois são apenas lados diferentes de uma única vida”. Foi assim que, em 1929, Rudolf Carnap iniciou uma conferência intitulada “Science and Life” na escola de arquitetura Dessau Bauhaus (Galison, 1990, p. 710). Curiosamente, o interesse pela arquitetura também era partilhado por Wittgenstein – mas a partir de visões de mundo e, talvez, visões políticas diferentes das de Carnap e de outros membros do Círculo (para mais detalhes ver Galison (1990)).
9. De fato, a admiração e identificação de Wittgenstein com grandes nomes das artes, como da literatura e da música, se contrasta com seu menor (apesar de não inexistente) entusiasmo com questões científicas. Vejamos a seguinte passagem em “Culture and Value” [Cultura e Valor]: “Eu posso me ver interessado em questões científicas, mas elas nunca me encantaram verdadeiramente. Somente questões conceituais e estéticas fazem isso. No final, sou indiferente à solução de problemas científicos; mas não às de outro tipo” (Wittgenstein, 1979, p. 79e) (tradução nossa). Porém, é importante dizer que [...] “mesmo lamentando a influência perniciosa do espírito científico, Wittgenstein distinguiu bons e maus trabalhos científicos” (Hans-Glock, 1996, p. 86).

## REFERÊNCIAS

- Alison, P. “Logical Positivism and Architectural Modernism”. In *Critical Inquiry*, vol. 16, no. 4, 1990, pp. 709-752.
- Glock, H-J. (1996). *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Kenny, A. J. P. *Wittgenstein*, ed. rev., Oxford: Blackwell publishing, 2006.
- Kuusela, O., McGinn, M. “Editors’ Introduction”. In Kuusela, O. e McGinn, M. (eds.). *The Oxford Handbook of Wittgenstein*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Monk, R. (2005). *How to Read Wittgenstein*. 1ª ed. americana. Nova York: W.W. Norton & Company Inc.
- Savickey, B. (2011). “Wittgenstein’s Use of Examples”. In Kuusela, O., McGinn, M. (eds.). *The Oxford Handbook of Wittgenstein*. Oxford: Oxford University Press.
- Wittgenstein, L. (1921). *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luís Henrique dos Santos. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- Wittgenstein, L. (1953). *Investigações Filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Wittgenstein, L. *The Blue and Brown Books*. Oxford: Basil Blackwell, 1958.
- Wittgenstein, L. *Culture and Value*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.